



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2020/101 (CONTJOR-TV)

Participação contra a CMTV a propósito da exibição de duas peças informativas que afirmam que o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga está de quarentena e de uma peça sobre a alegada fuga de duas pacientes do Hospital de Coimbra

**Lisboa
27 de maio de 2020**

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2020/101 (CONTJOR-TV)

Assunto: Participação contra a CMTV a propósito da exibição de duas peças informativas que afirmam que o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga está de quarentena e de uma peça sobre a alegada fuga de duas pacientes do Hospital de Coimbra

I. Participação

1. Deu entrada na ERC, a 16 de março de 2020, uma participação contra a CMTV a propósito da exibição, no dia 15 de março, de duas peças informativas que afirmam que o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga está de quarentena e de uma peça, exibida no dia 14 de março, sobre a alegada fuga de duas pacientes do Hospital de Coimbra.
2. Afirma o participante que a CMTV difundiu notícias falsas, que comprometem a idoneidade e o rigor jornalístico.
3. Questiona «[c]omo é que num momento tão sensível como este, em plena epidemia, e em vias de ser decretado o estado de emergência em território nacional, é possível um órgão a quem compete a regulação da comunicação social como a ERC permanecer em silêncio sobre que se está a passar com o canal CMTV.»
4. O participante denuncia que no dia 16 de março a CMTV «noticiava em direto que o Diretor do museu de Arte Antiga Joaquim Caetano estava em quarentena sendo desmentido em direto pelo próprio diretor na sua página de facebook», onde se podia ler «"Joaquim Caetano não foi contactado pela estação de televisão para averiguar se estaria mesmo de quarentena. Não se sabe, sequer, de onde surgiu essa alegação. E o motivo para não se encontrar ontem na instituição era muito fácil de adivinhar: era Domingo. Não obstante, a CMTV passou esta peça várias vezes durante a manhã, com a repórter a fazer vários diretos em que repetia as mesmas frases 3, 4, 5 vezes, ou até mais, tentando preencher vários minutos de direto sem ter verdadeiramente informação relevante para acrescentar. E, à falta de informação relevante, resolveram inventar."»
5. Segundo o denunciado, no mesmo dia, pelas «21:30 a CMTV noticiava a fuga de duas pacientes do hospital de Coimbra, notícia também veiculada pelo Jornal de Notícias. Mas se este último a desmentia e corrigia de seguida já o canal de Televisão nunca se importou com a correção da falsidade que acabara de difundir.»

6. Entende que tal «[é] revelador da má-fé do próprio órgão de comunicação social a forma como por um lado corrigiam a notícia *online* no site "cmjornal.pt" por volta das 21:36 mas, simultaneamente, a mantinham sem correção pelos menos até às 21:46 no seu canal de televisão.»

II. Posição do Denunciado

7. A 25 de março de 2020 foi o denunciado notificado para se pronunciar sobre a presente participação. Contudo, não foi rececionada na ERC, em tempo útil, qualquer resposta ao referido ofício.

III. Análise e fundamentação

8. O caso em apreço remete para a verificação do cumprimento da violação do dever de rigor informativo, conforme resulta da alínea b) do n.º 1 do artigo 9.º da Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido (doravante, LTVSAP)¹, e do artigo 34.º, n.º 2, alínea b) do mesmo diploma.

9. Refira-se ainda a alínea a) do n.º 1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista² (doravante, EJ), que determina aos jornalistas que informem «com rigor e isenção, rejeitando o sensacionalismo e demarcando claramente os factos da opinião».

10. Recorde-se ainda o ponto 1 do Código Deontológico do Jornalista³, que dispõe que «[o] jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade», bem como o ponto 2 que refere que «[o] jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais». Registe-se ainda o ponto 6, em que se afirma que «[o] jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes».

11. Acresce que a alínea e) do n.º 1 do citado artigo 14.º do Estatuto do Jornalista refere que os jornalistas devem «identificar, como regra, as suas fontes de informação, e atribuir as opiniões recolhidas aos respetivos autores», sendo que a alínea e) preconiza a procura da diversificação das suas fontes de informação e a audição das partes com interesses atendíveis nos casos de que se ocupem.

12. O artigo 11.º, n.º 1, do Estatuto do Jornalista, refere que «os jornalistas não são obrigados a revelar as suas fontes de informação, não sendo o seu silêncio passível de qualquer sanção, direta

¹ Lei n.º 27/2007, de 30 de julho, na sua redação atual.

² Aprovado pela Lei n.º 1/99, de 13 de janeiro, na sua redação atual.

³ Aprovado no 4º Congresso dos Jornalistas, a 15 de janeiro de 2017, e confirmado em Referendo realizado a 26, 27 e 28 de outubro de 2017.

ou indireta». Não obstante, o Conselho Regulador tem entendido que tal informação – o próprio exercício da faculdade de não divulgação da fonte – deve ser sempre proporcionada aos leitores, isto é, deve-se privilegiar a identificação das fontes.

13. Ao elaborar uma notícia mantendo a confidencialidade da fonte, o jornalista sabe que se inverte o ónus da prova, quer perante o público, quer perante os tribunais. A proteção das fontes exige do jornalista uma maior responsabilidade sobre aquilo que noticia. Entende-se, assim, que deve ser sempre proporcionado ao leitor/telespectador o conhecimento de que o jornalista exerceu a faculdade de não divulgação da fonte com a imputação de “anónima” ou a referência a um pedido de confidencialidade pela fonte.

14. No que respeita a alegadas falhas de rigor informativo, isenção ou transparência, não compete ao Conselho Regulador da ERC aferir a verdade factual ou material do que é mencionado nas notícias, mas sim a verdade jornalística, analisando a coerência interna da notícia e avaliando a forma como são expostos ao telespectador os meios utilizados para a obtenção da informação aí veiculada.

Peças sobre a recusa dos funcionários do Museu Nacional de Arte Antiga em abrir as portas ao público e a quarentena do seu diretor (peças de 15 de março)

15. As duas peças em apreço reportam que os funcionários do Museu Nacional de Arte Antiga se recusam a abrir as portas a visitantes, apesar de não existir nenhuma ordem ou indicação dos responsáveis do museu para o encerramento. A repórter afirma que os funcionários disseram à CMTV que se recusavam a trabalhar devido à falta de materiais de proteção contra o Covid-19 e contestavam o facto da direção do museu não o ter encerrado, ao contrário de outros museus.

16. Em oráculo, durante a exibição das peças é referido que o diretor do museu se encontra de quarentena. Contudo, em nenhum momento é referido pelo pivô ou pela jornalista no terreno que o diretor está em quarentena. Não há, assim, qualquer ligação entre a situação abordada nas duas peças e o oráculo que partilham.

17. A informação de que o «Diretor está de quarentena» surge apenas em oráculo e sem qualquer indicação de fonte. Não é, deste modo, identificada a fonte da informação prestada, ou, em alternativa, caso fosse essa a situação, providenciada a razão para a sua não identificação, nomeadamente referindo, em concreto, que determinada fonte pediu anonimato (o que não se verifica durante o direto ou no seu lançamento pela pivô em estúdio).

18. A nota sobre a ausência do diretor do museu naquela manhã de domingo, dia 15 de março, faz parte de uma sequência de oráculos que se vão repetindo durante os diretos: «Diretor está de quarentena», «Funcionários revoltados», «Pedem encerramento do museu».

19. Pelo exposto, entende-se que a CMTV incorreu em falta de rigor ao divulgar informação que não tinha correspondência com a realidade – o próprio diretor desmentiu-a publicamente nas redes sociais, pelas 12h12m –, e sem atribuir essa informação a uma fonte ou proceder à sua confirmação, por exemplo, procurando contactar o diretor.

20. De referir que o Correio da Manhã publicou, na sua edição *online*, pelas 18h12m⁴ do mesmo dia, a peça que fora exibida na CMTV pelas 10h25m, desta feita sem os referidos oráculos, mas também sem qualquer correção sobre a questão da alegada quarentena avançada pelo oráculo da CMTV.

Peça sobre a fuga de duas pacientes do Hospital de Coimbra (peça de 14 de março)

21. No que se refere à peça da «fuga» de duas pacientes do Hospital de Coimbra, verifica-se, desde logo, que a fonte documental é identificada, nomeadamente um fax enviado pelo hospital à PSP (é exibida uma imagem do mesmo). Ou seja, efetivamente, no dia 13 de março, o serviço de urgência do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra enviou um pedido às autoridades policiais para que localizassem duas pacientes suspeitas de terem contraído a covid-19 que tinham abandonado o hospital sem autorização.

22. Não é referido na peça quem terá fornecido o fax à CMTV, nem se o hospital foi contactado no sentido de confirmar a informação, ou ainda se existiam outras informações que melhor pudessem contextualizar o acontecimento ou novos factos sobre o mesmo, considerando até que a notícia é do dia seguinte aos acontecimentos.

23. De facto, não há referência a qualquer tentativa de contacto com o hospital ou com a PSP por forma a confirmar a informação e os seus desenvolvimentos (por qualquer via remota, ou mesmo presencialmente), embora a peça seja parcialmente transmitida, em direto, a partir das imediações do hospital.

24. Sensivelmente ao mesmo tempo em que o tema é tratado pela CMTV (começa pelas 21h35m e termina pelas 21h55m), o Correio da Manhã publica na sua edição *online* uma peça (às 21h36m)⁵ em que afirma que afinal não ocorrera qualquer fuga, e que tudo não teria passado de uma falha de

⁴ <https://www.cmjornal.pt/multimedia/videos/detalhe/trabalhadores-do-museu-de-arte-antiga-em-protesto-contras-portas-abertas>

⁵ <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/alerta-cm--duas-mulheres-com-suspeitas-de-coronavirus-fogem-do-hospital-de-coimbra>

comunicação interna, nomeadamente entre médico e enfermeira – o médico autorizara a saída da hospital das duas senhoras mas não informara a referida enfermeira.

25.Os 20 minutos dedicados ao caso – tratado como “Alerta CM” – dividiram-se entre a intervenção de lançamento do tema pela pivô, a participação telefónica de Carlos Anjos, comentador regular do canal, com uma intervenção de 6 minutos (21h40m-21h46m), e um direto às imediações do hospital de Coimbra, para uma reportagem com 8 minutos de duração, numa ligação iniciada às 21h47m.

26.O comentador de casos de polícia da CMTV analisou o caso com base em pressupostos que naquele momento já estavam desatualizados e a reportagem junto ao hospital repetiu todo o enquadramento que já tinha sido dado pela pivô em estúdio, acrescentando tão-somente que a PSP tinha confirmado a receção do fax.

27.Assim, já depois de o Correio da Manhã ter atualizado a informação *online* (a peça tem como hora de publicação as 21h36m, mas o conhecimento dos novos factos terá ocorrido, necessariamente, antes desse momento), a CMTV continuou a tratar o caso como se não houvesse qualquer dado novo sobre o assunto.

28.Os dois títulos, o Correio da Manhã e a CMTV, partilham o mesmo diretor geral. No sítio eletrónico da CMTV, as informações constantes na secção de contactos (não tem ficha técnica publicada no seu site) indiciam que os dois órgãos de comunicação social têm a mesma redação: «Escreva ou fale com a equipa do Correio da Manhã e da CMTV. Aqui encontra todas as informações para poder contactar o Correio da Manhã/CMTV, de norte a sul do país»⁶. Foi possível ainda verificar, por exemplo, que no mesmo dia, Miguel Alexandre Ganhão esteve em estúdio, na CMTV, a analisar/comentar a atualidade relacionada com a pandemia, e é apresentado como chefe de redação CM/CMTV.

29.Não se compreende, por isso, como dois títulos, que partilham a redação e seus responsáveis, dão notícias opostas sensivelmente no mesmo minuto. Como supra referido, o tema começa a ser tratado pela CMTV apenas um minuto antes (e dura 20 minutos) da peça publicada no Correio da Manhã, em que se esclarece que afinal o médico terá dado autorização para que as duas mulheres saíssem do hospital de Coimbra com destino ao hospital de São João, no Porto, e, inclusivamente, que «ambas já tiveram alta».

30.Ao longo do serviço noticioso da CMTV não foi feita qualquer atualização da notícia em causa.

⁶ <https://www.cm-tv.pt/contactos/detalhe/escreva-ou-fale-com-a-equipa-do-correio-da-manha-e-da-cmtv>

31. Pelo exposto, entende-se que a CMTV incorreu em falta de rigor informativo, falhando ao não confirmar a informação de que dispunha aquando do tratamento noticioso do caso como “Alerta CM”, ouvindo, para o efeito, os envolvidos e cruzando fontes de informação. Causa ainda mais perplexidade o facto de a informação atualizada sobre o caso ter sido veiculada no mesmo instante pelo Correio da Manhã.

32. Por último, importa referir que em resposta aos procedimentos EDOC/2019/7830 2019/9086 2019/9091 2019/9340 2019/9818 2019/9944 e 2020/109, Octávio Ribeiro, Diretor do serviço de programas CMTV e do Correio da Manhã e a COFINA, requereram ao Presidente da ERC, como questão prévia, que “declare a situação de suspeição, por falta de isenção e imparcialidade” do Vice-Presidente da ERC, nos termos dos artigos 74º a 76º do Código do Procedimento Administrativo.

33. Apreciado o requerimento, através do Despacho n.º2/2020, de 11 de março de 2010, Fátima Resende, do Conselho Regulador da ERC, decidiu não declarar a requerida suspeição quanto ao Vice-Presidente da ERC, concluindo que «não resultam provados factos que permitam declarar a suspeição requerida, que não há indícios que apontem para qualquer falta de independência, isenção e imparcialidade que impeçam o Dr. Mário Mesquita de participar, de pleno direito e enquanto Vice-Presidente, nas Reuniões do Conselho Regulador da ERC que venham a deliberar sobre os órgãos de comunicação social da “Cofina Media, S.A.”».

IV. Deliberação

Apreciada uma participação a contra a CMTV a propósito da exibição, no dia 15 de março, de duas peças informativas que afirmam que o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga está de quarentena e de uma peça, exibida no dia 14 de março, sobre a alegada fuga de duas pacientes do Hospital de Coimbra, o Conselho Regulador, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes, respetivamente, nos artigos 7.º, alínea d), 8.º, alínea j), e 24.º, n.º 3, alínea a) dos Estatutos anexos à Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera considerar que a CMTV violou o dever de rigor informativo e alerta o operador para a observância dos princípios ético-legais que impendem sobre a atividade jornalística.

Lisboa, 27 de maio de 2020

O Conselho Regulador,

500.10.01/2020/66
EDOC/2020/2106



Sebastião Póvoas
Mário Mesquita
Francisco Azevedo e Silva
Fátima Resende
João Pedro Figueiredo

Relatório de visionamento referente ao processo 500.10.01/2020/66

1. A CMTV exibiu a 15 de março de 2020 duas peças, pelas 10h25m e pelas 10h44m, sobre a recusa dos funcionários do Museu de Arte Antiga em abrir as portas ao público e a quarentena do seu diretor

Peça emitida pelas 10h25m

2. Ao longo da peça (de cerca de quatro minutos), surge, alternadamente, em oráculo: «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Funcionários revoltados»; «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Pedem encerramento de museu»; «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Diretor está de quarentena»

3. A peça em apreço é um direto, junto do Museu Nacional de Arte Antiga:

Jornalista: «Os funcionários que aqui trabalham hoje decidiram não abrir portas. Ou seja, estão aqui, apresentaram-se ao trabalho, mas recusam deixar entrar os visitantes. Tivemos há pouco oportunidade para falar com alguns funcionários e também com três pessoas que vieram e deslocaram-se até aqui ao museu para visitar e estavam um pouco revoltadas. Vou explicar o porquê. Porque os visitantes vieram, dizem que compreendem o facto de estes trabalhadores não quererem e recusarem-se abrir portas, uma vez que dizem não ter luvas, não terem desinfetantes, estão em contacto com pessoas e não percebem porque é que este museu está aberto quando o Ministério da Cultura alargou ontem o leque de museus e monumentos nacionais que estarão então de portas fechadas por tempo indeterminado. Não percebem o porquê deste museu estar ainda de portas abertas, agora também não se vê ninguém aqui no exterior do museu porque os trabalhadores que estavam aqui fora acabaram por entrar. Tentei perceber se por parte da direção já havia alguma resposta. Os trabalhadores dizem que não. Mas também aqui os visitantes queixavam-se que apesar de compreenderem a situação dos trabalhadores, dizem que o que estão a fazer é ilegal porque não há qualquer diretriz para que este museu então esteja de portas encerradas. Aliás, uma das pessoas com quem falámos disse que estava chateada com esta situação porque veio até aqui porque hoje era o último dia de uma exposição de um autor que queria muito ver e que por isso estava um pouco revoltada porque aquilo que os funcionários estão aqui a fazer diz que considera ser ilegal. Os visitantes acabaram por ir embora. Além desta porta ainda foram dar a volta para ver se conseguiam entrar por outro local mas não foi possível. Neste momento a porta do museu está aberta, há dois seguranças que costumam estar ali e neste momento os trabalhadores estão no interior, acabaram todos por entrar. Mas por parte da direção ainda não há

qualquer indicação. Ou seja, aquilo que estes trabalhadores estão a fazer é por vontade própria, dizerem que não recebem visitantes porque não têm as medidas de proteção, e não compreendem porque é que este museu está aberto quando há “n” museus em Lisboa, e não só, em todo o país, que já estão encerrados. Foi decretado o encerramento por exemplo do Mosteiro da Batalha e também de Alcobaça, do Convento de Cristo em Tomar, do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, também outros museus em Conímbriga, o Museu Nacional dos Coches e o Palácio Nacional da Ajuda aqui muito perto deste museu, aqui na zona de Lisboa e também o Museu Nacional da Música, o Museu Nacional da Arte Contemporânea no Chiado. Ou seja, são museus que estão encerrados e este museu é o único que ainda não fechou portas e por isso aqui os trabalhadores revoltados. Neste momento não é possível ver porque estão e entraram todos lá para dentro. Também tentámos ver se queriam falar para as câmaras mas não podem fazê-lo sem ordem da direção e também aguardavam por uma ordem por parte e uma indicação por parte da direção para saber o que vão fazer. Mas os funcionários dizem que não vão abrir portas e foi isso que gerou aqui alguma tensão, não muito grande, mas aqui uma troca de palavras entre funcionários e os visitantes que aqui estavam, porque os visitantes dizem que compreendem, ok, estão no seu direito de não querer estar em contacto com o público, mas que aquilo que estão a fazer é ilegal porque não receberam qualquer diretriz para isso. Os funcionários também E ouvimos aqui uma senhora dizer, uma funcionária, dizer que tem filhos, e que não sabe quem é que vem aqui ao museu, não sabe com quem é que as pessoas estiveram, e que não quer estar a correr esse risco, não têm qualquer E tratando-se de um museu, de um espaço aberto ao público, dizem que não há desinfetantes, não há luvas, não há mascaras e por isso recusarem então receber os visitantes que hoje dirigiram-se até aqui. Este, o Museu Nacional de Arte Antiga, é o único que está aberto e os funcionários não percebem o porquê e por isso, como medida de protesto, decidiram então não abrir portas ou não deixar os visitantes entrarem.»

Peça emitida pelas 10h44m

4. Ao longo da peça, com duração de cerca de seis minutos, surge alternadamente em oráculo: «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Funcionários revoltados»; «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Pedem encerramento de museu»; «Alerta CM; Museu de Arte Antiga aberto; Diretor está de quarentena».
5. A peça é transmitida em direto, junto do Museu Nacional de Arte Antiga:

Jornalista: «Bem, para já ainda não temos essa informação porque os funcionários ainda estão reunidos aqui no Museu Nacional de Arte Antiga. O que aconteceu foi que apresentaram-se hoje ao trabalho, mas não quiseram receber visitantes. Dizem que não há condições de segurança, porque não têm desinfetante, não têm luvas e estão em contacto com o público. Também as pessoas que trabalham na bilheteira não estão devidamente protegidas e também os seguranças que fazem parte aqui da equipa de funcionários do museu, também eles criticaram esta situação, dizem que têm de revistar as pessoas e que não há essa situação, essas medidas de segurança e não percebem, não compreendem porque é que os outros museus, e há “n” museus encerrados de norte a sul do país, e porquê que o museu nacional de arte antiga continua aberto.

Também tivemos oportunidade de falar com algumas pessoas que se dirigiram até aqui ao museu. Algumas que compreendem esta situação por parte dos funcionários, mas ao mesmo tempo dizem que se trata de uma situação ilegal porque sem uma diretriz eles não podem chegar aqui e dizerem que não recebem os visitantes. Por isso, neste momento, os funcionários aquilo que estão a fazer é: estão reunidos. Eu perguntei, e tentei perceber se já tinham alguma indicação por parte da direção, mas ainda não tinham. Ora, nós agora temos oportunidade de falar aqui com uma pessoa, um senhor que se dirigiu até aqui ao museu, para visitar e quando entrou acabou por deparar-se com uma situação que não estava à espera.»

6. É de seguida entrevistado uma pessoa que tinha vindo visitar o museu mas que fora impedido de entrar pelos funcionários. Após a entrevista, a jornalista prossegue:

«Muito obrigada. Fica então aqui o testemunho de uma pessoa que está a fazer praticamente a vida normal, dirigiu-se a um domingo de manhã até aqui ao Museu Nacional de Arte Antiga, o museu que hoje acabou por abrir portas mas não receber qualquer visitante. Abriu portas porque os funcionários tiveram de se apresentar aqui ao serviço, como é possível ver aqui também pela imagem, a porta está aberta, inclusive os seguranças também aqui do museu estão aqui mas eles dizem que não há condições de segurança para estarem no contacto ao público e também não compreendem porque é que depois do Ministério da Cultura ter alargado o leque de museus e monumentos nacionais que estariam de portas fechadas por tempo indeterminado, tendo em conta este surto do novo coronavírus, não compreendem porque é que o Museu Nacional de Arte Antiga abriu e continua a abrir portas, ou seja, não têm qualquer indicação que este museu tem de encerrar. Ora, também dizer que há outros pontos culturais e turísticos que já estão encerrados, nomeadamente o Mosteiro da Batalha e também o Mosteiro de Alcobaça, o Convento de Cristo, em Tomar, o Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra, também aqui em Lisboa, o Panteão Nacional, o Museu Nacional do Azulejo, também o Palácio Nacional de Mafra, ou seja, aqui também o Mosteiro do Jerónimos, Torre

de Belém, Museu Nacional de Arqueologia, está tudo encerrado e este museu, o Museu Nacional de Arte Antiga continua aberto ao público. Continua aberto ao público mas hoje ninguém pôde entrar, pelo menos os funcionários fizeram esse protesto, apresentaram-se sim, estão aqui, mas eles estão preocupados com esta situação, dizem que não têm desinfetante, não têm máscaras, não têm luvas e contactam diretamente com o público e não sabem quem são as pessoas que vêm aqui, se estão infetadas, se contactaram com pessoas que estão infetadas. Dizem também que têm filhos e que por isso não querem correr esse risco, ou seja, apresentaram-se mas estão aqui a aguardar uma decisão por parte da direção, porque de facto eles não têm qualquer indicação que têm de encerrar as portas.»

7. A CMTV exibiu a 14 de março de 2020, pelas 21m35 (com duração de cerca de 20 minutos), uma peça sobre a alegada fuga do Hospital de Coimbra de duas pacientes suspeitas de estarem infetadas com coronavírus.

8. Ao longo da peça, surge, alternadamente, em oráculo: «Suspeitas de infeção com coronavírus fugiram; Duas pacientes em fuga»; «Suspeitas de infeção com coronavírus fugiram; Fugiram do Hospital de Coimbra».

9. Afirma a jornalista: «Duas mulheres, suspeitas de estarem infetadas com coronas vírus fugiram do Hospital da Universidade de Coimbra, ontem à tarde [é então exibida a imagem de um fax], estamos a falar de uma mulher de 36 anos e da mãe desta mulher com sessenta€ (€) Daqui a pouco já iremos ter este contacto em direto ao telefone com Carlos dos Anjos, comentador da CMTV, sobre este alerta. Duas mulheres fugiram do Hospital da Universidade de Coimbra, ontem à tarde. São duas mulheres suspeitas de estarem infetadas com coronavírus, estavam numa sala de isolamento e como podemos ver neste relatório [surge uma imagem aproximada do fax] que é feito para a Polícia, saíram dessa sala onde estavam utilizando a chave da segurança da porta sem terem qualquer autorização para abandonar aquele espaço e com a enfermeira a dizer para não saírem daquela unidade hospitalar. As autoridades de saúde não sabem agora onde é que estão estas duas mulheres suspeitas de terem coronavírus e que estavam internadas então no Hospital da Universidade de Coimbra. Foi feito um pedido de ajuda à PSP. Foi relatada esta ocorrência à polícia de segurança pública ontem à tarde e a PSP está agora a tentar encontrar estas duas mulheres, numa altura em que já há 169 casos de coronavírus confirmados em Portugal, sobretudo na região norte do país e também alguns casos na região Centro. Não se sabe o que é que terá motivado estas duas mulheres, mãe e filha a terem abandonado esta unidade hospitalar sem qualquer autorização para tal e perante até uma recomendação da enfermeira que estava de serviço a dizerem para não saírem daquela sala de isolamento, mas acima de tudo agora importa encontrar estas duas mulheres que

são suspeitas de terem coronavírus e que podem constituir um perigo para outras pessoas, caso estejam mesmo infetadas com este vírus, porque podem assim acabar também por infetar outras pessoas, até porque nesta altura ainda não há uma certeza absoluta sobre a partir de quando é que alguém infetado pode contagiar outras pessoas e sabemos até de casos de pessoas que estão infetadas e que nem sequer tiveram sintomas de coronavírus. (E) Estamos a ver este relatório, este pedido de ajuda que é feito por parte do hospital à Policia de Segurança Pública, é referido que esta unidade hospitalar comunica o abandono hospitalar de uma utente de 36 anos, também de uma outra utente de 62 anos, que é a mãe desta mulher de 36 anos e que estas duas mulheres estavam numa sala de isolamento no serviço de urgência devido à suspeita de Covid 19, ou seja, são suspeitas de estarem infetadas com coronavírus e ausentaram-se desta instituição hospitalar pelas cinco e vinte, é um caso que se reporta ao dia de hoje. Estas mulheres utilizaram a chave de segurança da porta sem qualquer autorização para abandonar o espaço e com a enfermeira a dizer para não o fazerem. O agente da PSP Paulo Ramos, que estava ao serviço, no serviço de urgência, foi avisado desta ocorrência como é referido nesta nota do hospital.»

10. A jornalista de seguida, ao telefone, entrevista Carlos dos Anjos, comentador da CMTV. Após a intervenção do referido comentador, a peça passa para um direto com uma jornalista que está junto do Hospital de Coimbra:

Jornalista: «Para já o que sabemos é que estas duas utentes, uma mulher de 36 anos e a sua mãe de 62 estavam na urgência, [afasta-se da câmara, que passa então a filmar tão somente a entrada das urgências] aliás, elas já estavam numa sala de isolamento do serviço de urgência devido à suspeita, precisamente, de estarem infetadas com o novo coronavírus e terão então fugido do local, dessa sala, utilizando a chave de segurança da porta. Esta situação aconteceu ontem, foi comunicada pelo próprio Centro Hospitalar Universitário de Coimbra à PSP, aliás, a PSP confirmou-nos ter recebido uma comunicação precisamente a alertar para essa situação. Aqui no Centro Hospitalar, no serviço de urgência do Centro Hospital Universitário de Coimbra encontra-se normalmente um agente da PSP de serviço, e em permanência, ele terá sido de imediato alertado mas quando foi tentar perceber, na tentativa de as conseguir localizar, elas já se tinham colocado em fuga. Entretanto, como é habitual nestes casos, foi dado o alerta às autoridades, não temos, não conseguimos confirmar se eventualmente as duas mulheres já terão sido localizadas ou não. O facto é que, como acontece com estes casos, é dado um alerta geral a todas as autoridades, nomeadamente, claro, às autoridades da sua área de residência para tentarem localizar essas pessoas. Neste caso, as duas mulheres, uma reside na zona de Aveiro, pelas informações de que dispomos e outra na área de Vila Nova de Gaia. Elas estavam então aqui numa sala de isolamento do

Serviço de Urgência dos hospitais da Universidade de Coimbra, precisamente devido a essa suspeita de estarem infetadas com o Covid-19. [E] O caso destas duas mulheres, uma mulher de 36 anos e a sua mãe de 62, estariam ainda na sala de isolamento do serviço de urgência devido então a esta suspeita de poderem estar infetadas com o novo coronavírus, quando utilizando a chave de segurança da porta acabaram por se ausentar aqui deste hospital sem a devida autorização. Esta é uma situação que é confirmada, que nos foi confirmada pela PSP, que ontem durante a tarde confirma ter recebido um alerta por parte do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra para esta situação de duas mulheres se terem então ausentado sem a devida autorização aqui, ainda do serviço de urgência quando se encontravam na sala de isolamento. O polícia, o agente da PSP que se encontra habitualmente de serviço aqui junto à urgência ainda terá sido alertado, tentou proceder à localização destas duas mulheres mas já não conseguiu fazer, tendo sido então dado o alerta ao nível geral das autoridades, como aliás, é habitual nestes casos para que estas duas mulheres venham a ser localizadas. Não sabemos se isso já terá acontecido, não dispomos nesta altura dessa informação, o que sabemos então é que aconteceu ontem, que a PSP foi alertada para esta situação, é de imediato dado o alerta geral a todas as autoridades que procedem a diligências na tentativa de as localizar, possivelmente, nomeadamente, em concreto, as autoridades da área de residência destas mulheres que terão já tentado localizá-las, não sabemos ainda se com sucesso. Este Hospital, elas encontravam-se então neste Hospital, numa sala de urgência, de isolamento, perdão, ainda no serviço de urgência. Este é um Hospital que está preparado para receber doentes e para fazer a despistagem e o tratamento de doentes que estejam infetados. [E] Esta, uma situação esta que ocorreu então ontem durante a tarde, duas mulheres que se ausentaram aqui de uma sala, elas estavam numa sala de isolamento do serviço de urgência, elas ausentaram-se sem autorização.

Pivô: «Este é um caso que iremos continuar a atualizar aqui na CMTV e também todas as restantes informações no que diz respeito à pandemia do coronavírus em Portugal e no resto do mundo.

Departamento de Análise de *Media*